

Nº 129, nov/98, p.1-2



USO DE SOLARIZAÇÃO PARA DIMINUIR INÓCULO DE *Ralstonia solanacearum* EM PIMENTA LONGA (*Piper hispidinervium*), EM VILA EXTREMA, RONDÔNIA.

Cecília Helena Silvino Prata Ritzinger¹
Mariangela de Moraes Messias Sousa²
Celso Luis Bergo³

A pimenta longa (*Piper hispidinervium*) pertence à família das Piperáceas, e vem sendo sugerida como uma alternativa agrônômica para o Estado do Acre, tendo em vista seu alto teor de safrol. Diversos experimentos de pesquisa vêm sendo desenvolvidos na Embrapa Acre, e em vila Extrema, Rondônia, desde 1992, com o objetivo de fornecer informações sobre a cultura para seu cultivo econômico. A pimenta longa é encontrada principalmente em áreas de pousio (capoeira), formando populações de grande densidade. A domesticação desta espécie implica em aparecimento de doenças que poderão tornar-se epidêmicas se um manejo adequado não for observado.

Recentemente, em uma unidade de observação para estudo de bases agrônômicas e ecofisiológicas visando a domesticação e produção adequada de pimenta longa, localizada no km 194 da BR-364, em vila Extrema, Rondônia, diagnosticaram-se focos de morte súbita de plantas com 11 meses de idade, causados por *Ralstonia solanacearum*. Em janeiro de 1998, registrou-se um foco com 15 plantas afetadas por essa bactéria e, após 5 meses, retiraram-se 500 plantas infectadas. Nesta ocasião, cortaram-se as plantas à altura de 40 cm da base para extração do safrol e, cinco meses após, em novembro de 1998, registraram-se 1200 plantas afetadas.

Após desmatamento, a área foi cultivada com arroz e milho. Por dois anos, a capoeira cresceu. A seguir foi queimada, e plantou-se a pimenta longa.

Fizeram-se avaliações no período de janeiro a março de 1998, com coletas realizadas duas vezes em janeiro, uma vez em março, e observadas novamente em junho de 1998. O material coletado foi embalado em sacos plásticos e levado para o laboratório de fitopatologia da Embrapa Acre, onde foi constatada a presença da bactéria *Ralstonia solanacearum*. Com base nos resultados obtidos, sugeriu-se que a expansão da doença de janeiro a março poderia ter sido favorecida pela pequena declividade do terreno que possibilitou o escoamento das águas das chuvas, promovendo então o contato de planta a planta, além de condições de temperatura e umidade favoráveis à doença. No período de junho a novembro, sugeriu-se que a expansão da doença tenha sido favorecida pelo uso de ferramentas utilizadas nos cortes das plantas, e agravada pelo período seco, o que teria ocasionado estresse às plantas, debilitando-as e favorecendo, portanto, a severidade da doença

¹ Eng.-Agr., Ph.D., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco, AC.

² Eng.-Agric., M.Sc., Bolsista DCR CNPq/Embrapa Acre.

³ Eng.-Agr., M.Sc., Embrapa Acre.

PA/129, CPAF-Acre, nov/98, p.2

Considerando o período seco, subsequente à diagnose realizada, e que na Amazônia uma das maiores riquezas é a alta solarização acarretando altas temperaturas, principalmente nesse período, propôs-se a presente ação de pesquisa para avaliar a eficiência da cobertura do solo com plástico, a fim de diminuir o inóculo na área, dificultando a reinfestação do patógeno. Defendida por Ghini (1997), essa técnica de solarização, que consiste na cobertura do solo com um filme plástico transparente, dentre inúmeros benefícios, promove a desinfestação do solo, plantas daninhas e pragas.

Na agricultura sustentável, busca-se o manejo adequado dos recursos naturais, evitando a degradação do ambiente. A solarização apresenta portanto, menor impacto no, ambiente e tem sido aplicada principalmente no caso de hortaliças que apresentam esse problema sendo, às vezes, associada à utilização de brometo de metila. Entretanto, sabe-se que esse produto vem sendo retirado do mercado devido a problemas advindos de contaminações no solo e no homem.

A eficiência da solarização tem sido também atribuída ao aproveitamento das condições climáticas do local onde há definição das estações seca e chuvosa, bem como à combinação de outros métodos de manejo como o uso de variedades resistentes ou tolerantes e ao favorecimento do controle biológico natural.

Para instalação do experimento, retiraram-se as plantas infectadas da área, limpando-a totalmente de resíduos e ervas daninhas, e dividindo-a em duas parcelas, de 150 m² cada, para receber os seguintes tratamentos: cobertura com plástico e sem cobertura plástica. Aleatoriamente, plantaram-se mudas de pimenta longa de um mês de idade, de quatro procedências, obtendo-se o material do banco de germoplasma de pimenta longa da Embrapa Acre, caracterizado por plantas que apresentam teor de safrol acima de 92%.

O experimento constitui-se numa parcela subdividida, onde os blocos estão distribuídos casualmente na parcela principal. Cada repetição, por procedência, constitui-se de 6 plantas, distribuídas num espaçamento de 1,0 m x 1,0 m, onde cada cova será adubada com 2 litros de esterco de curral curtido. As avaliações constituir-se-ão da contagem do número de plantas infectadas, grau de mortalidade nos tratamentos e grau de susceptibilidade e tolerância. Também serão avaliados o tempo de infecção e o aparecimento de sintomas. Os resultados obtidos servirão de subsídio para posteriores trabalhos de melhoramento, objetivando a identificação de resistência a essa bactéria.

Tendo em vista que alguns sintomas só aparecem em estágio mais avançado de infecção, torna-se mais difícil quantificá-los. Então, um acompanhamento mais detalhado terá o objetivo de diagramar os sintomas de aparecimento de murcha e amarelecimento das folhas até a morte da planta, através de escalas de 1 a 5, onde 1 representará o não aparecimento de folhas amarelas ou murcha, e 5, o total amarelecimento ou morte da planta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GHINI, R. **Desinfestação do solo com uso de energia solar**: solarização e coletor solar. Jaguariuna: Embrapa-CNPMA, 1997. 29p. (Embrapa-CNPMA. Circular, 1).

